

**SILÊNCIO, VOZES, OPRESSÃO E LIBERDADE
(ATRAVÉS DA ESCRITA):
REFLEXÕES SOBRE “ZITO MAKOA, DA 4ª CLASSE”,
DE LUANDINO VIEIRA
E “O MENINO QUE ESCREVA VERSOS”, DE MIA COUTO**

Fabiana de Paula Lessa Oliveira (UERJ)

fabiana-lessa@ig.com.br

Fabiana Rodrigues de Souza Pedro (UFRGS)

falecomprofessora@hotmail.com

**No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
(...)**

(Luís de Camões)

1. Introdução

Ao pensar a literatura africana de língua portuguesa, é difícil dissociá-la de sua história marcada pela dominação estrangeira, violência, opressão e guerras. A África é seguidamente saqueada, dividida e ocupada pelas potências da Europa a partir do século XV. Milhões de africanos são escravizados por essas nações, que mantiveram a exploração de recursos naturais da região mesmo após o fim da escravidão. As lutas anticoloniais desenvolvem-se principalmente na segunda metade do século XX e se misturam aos conflitos da Guerra Fria, que opunha os Estados Unidos à antiga União Soviética. Persistem rivalidades étnicas entre populações de países cuja fronteira foi criada artificialmente pelas nações europeias no fim do século XIX.

É nesse universo que emergem as narrativas em estudo. O conto “Zito Makoa, da 4ª classe”, que compõe a coletânea *Vidas Novas*¹¹⁶ (1968), do escritor angolano Luandino Vieira, foi escrito em 1962, na prisão, onde esteve de 1961 a 1972 por exercer atividades anticolonialis-

¹¹⁶ Segundo Rita Chaves (2005, p. 30-31), “essas narrativas, escritas entre 28 de junho e 28 de julho, desse mesmo ano (1962), no Pavilhão Prisional da PIDE, em Angola, se não apresentam o grau de ruptura de outros títulos, trazem já a linguagem tocada pela gramática do falar coloquial angolano”.

tas. A obra insere-se no momento de luta pela independência de Angola (1961-1974) na qual o autor participa. Lutava-se por liberdade política, social e econômica, mas, especialmente, a que proporcionasse aos angolanos uma identidade própria, não aquela imposta pelos colonizadores, como expressa Zito Makoa em seu bilhete “ANGOLA É DOS ANGO-LANOS” (VIEIRA, 2009, p. 129). No conto, é retratada com singeleza e sensibilidade a amizade entre Zito Makoa, um menino negro, e Zeca Silva, um menino branco, num espaço escolar marcado pela desigualdade, pelo preconceito e pela violência. E o afeto, o respeito e a aceitação do outro tornam-nos fortes para lutar contra essa perversa realidade.

Por outro lado, o conto “O menino que escrevia versos” integra *O fio das missangas* (2003), do moçambicano Mía Couto. Esse texto é contemporâneo, mas não se insere no contexto das guerras: colonial (1962-1974) e, posteriormente, civil (1975-1992) que percorreram o século XX, todavia ele traz marcas dos longos anos de silêncio, violência e dominação. Nesse conto, encontra-se um menino que por escrever versos é visto como um doente pela própria família. Sendo levado ao médico para verificar sua (in)sanidade. E a magia da literatura permeia a história, mesmo diante de um ambiente hostil como o que vive o garoto. Por fim, textos distanciados no tempo e no espaço registram meninos silenciados pelas vozes da intolerância e da incompreensão; mas que encontram na escrita a liberdade para sonhar.

2. *Zito Makoa, da 4ª classe*

2.1. Angola: reflexões sobre a luta de libertação

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida.

(Agostinho Neto)

A luta pela independência de Angola inicia-se na década de 1960, em meio ao processo de descolonização da África. Diferentemente de outros países europeus, como a França e o Reino Unido, Portugal insiste em

manter suas colônias. Não percebe que o mundo está em mudanças, que as nações devem ser “livres”, ter autonomia para promover o bem-comum. Talvez a construção da imagem de grande império tenha dificultado enxergar de que era necessário aprender a conviver com as suas próprias limitações territoriais, econômicas, naturais etc.

Mas falar em liberdade em uma terra muitas vezes subjugada, não é tarefa fácil. Observa-se isso na luta anticolonial que se expressa em três grupos rivais: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional para Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita).

A existência de três grupos guerrilheiros reflete divisões étnicas e ideológicas. O MPLA é um movimento multirracial, apesar do predomínio da etnia quimbundo¹¹⁷, de base marxista pró-soviética. A FNLA tem sua base na etnia bacongô¹¹⁸, do norte do país, e se opõe às ideias socialistas. Já a Unita, de forte presença entre os ovimbundos¹¹⁹ do centro e do sul de Angola, é apoiada, inicialmente, pela China, e sofre influência maoísta; mas depois se torna anticomunista. É importante destacar que tanto a FNLA quanto a Unita rejeitam a participação de brancos e de mestiços na luta pela independência.

A rivalidade entre os três movimentos de libertação transforma-se em conflito armado a partir de abril de 1974, quando o governo instalado em Portugal após a Revolução dos Cravos anuncia planos de promover a descolonização. Em janeiro de 1975, o governo português assina um acordo com o MPLA, a FNLA e a Unita, que prevê um governo de transição em Angola, formado pelos três grupos. O acordo fracassa e os combates entre as facções angolanas intensificam. Inicia-se, assim, a Guerra Civil (1975-1991) que arrasa o país por quase duas décadas.

O apoio estrangeiro às facções em luta transforma o país em um dos cenários da Guerra Fria. A Unita e a FNLA recebem ajuda dos Esta-

¹¹⁷ Conforme o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001, p. 2360), kimbundo ou quimbundo é língua da família banta, falada em Angola, pelos ambundos, grupo banto que habita em Angola as províncias do Bengo e Luanda, o Cuanza Norte, Malanje, o Cuanza Sul e parte do Bié.

¹¹⁸ Segundo Armelle Enders (1994, p. 93), a etnia bacongô (bakongo) foi separada pelas partilhas da África entre as potências coloniais e reparte-se, principalmente, entre Angola e a República do Congo, onde vive também uma importante minoria congoleza, vinda de Angola.

¹¹⁹ De acordo com o *Dicionário Houaiss* (2001, p. 2095), ovimbundo é um grupo banto que habita a região sul do rio Cuanza, disseminado pelas áreas austral e central de Angola, sobretudo nos planaltos de Benguela, Huambo e Bié.

dos Unidos, da França e da África do Sul; enquanto o MPLA conta com o auxílio soviético e cubano. Como salienta Pepetela, em diversos momentos da luta, a União Soviética esquiva-se, todavia contaram com o apoio incondicional de Cuba e de países como: Suécia, Noruega e Dinamarca, geralmente não mencionados.¹²⁰

Treze anos de Guerra Colonial (1961-1974) põem fim à dominação portuguesa em África, iniciada no princípio do século XV. Em 11 de novembro de 1975, Portugal declara oficialmente a Independência de Angola, sem reconhecer qualquer dos grupos angolanos como governo. O MPLA proclama a República Popular de Angola, sob um regime socialista de partido único. Agostinho Neto, o líder do MPLA, torna-se o presidente do país. Os colonos portugueses abandonam Angola, que fica praticamente sem profissionais de nível universitário.

O MPLA, que controla Luanda, derrota os demais grupos no início de 1976 e mantém, até 1988, uma faixa junto à fronteira da Namíbia. O governo obtém o controle sobre a maior parte do território e é reconhecido internacionalmente. A FNLA dissolve-se no final da década de 1970, enquanto a Unita, liderada por Jonas Savimbi, prossegue as guerrilhas. Agostinho Neto morre em 1979, e é substituído por José Eduardo dos Santos. Os Estados Unidos intensificam a ajuda à Unita.

O impasse na guerra civil leva à abertura das negociações que resultam, em novembro de 1988, em um acordo entre o governo angolano, Cuba e a África do Sul. O acordo fixa prazos para a independência da Namíbia, declarada em março de 1990, e para a retirada de tropas cubanas, que se completa em maio de 1991. No mesmo mês, o governo e a Unita assinam um acordo de paz, que prevê eleições livres e democracia.

O MPLA ganha as eleições, realizadas em 29 e 30 de setembro de 1992, mas Jonas Savimbi, o líder da Unita, não aceita o resultado, e reinicia a guerra civil que dura mais dez anos.

Percebe-se que essas facções políticas resultam não só dos interesses estrangeiros que apoiam uma ou outra facção, mas também das divergências existentes entre as etnias. O chamado tribalismo, já intenso durante a guerra contra os portugueses, continua a dividir os angolanos, dificultando a paz e conseqüentemente a reconstrução do país.

¹²⁰ Ver entrevista com Pepetela que está disponível em:

<http://www.pepetela.com.pt/pdf/20090516_noticias_sabado.pdf>. Acesso em: 18-01-2011.

2.2. Zito Makoa: “Angola é dos angolanos”

Mais grave que o ruído causado pelos homens maus é o silêncio cúmplice dos homens bons que aceitam a resignação do silêncio.

(Martin Luther King)

Inicia-se o conto com uma briga já apartada em sala de aula, mesmo assim o autoritarismo da professora manifesta-se, como se observa na fala do narrador “[a professora] arrancou para o meio dos miúdos e pôs duas chapadas na cara de Zito. O barulho das mãos na cara gordinha do monandengue¹²¹ calou a boca de todos e mesmo Fefo, conhecido pelo riso de hiena, ficou quietinho que nem um rato” (VIEIRA, 2009, p. 122). Diante do silêncio da classe, a professora prosseguiu as agressões a Zito, dessa vez “deu um puxão na manga de Zito e gritou-lhe: ‘Desordeiros, malcriados! És sempre tu que arranjas complicações!’” (VIEIRA, 2009, p. 122). A ação discriminatória da professora contribuiu para o acirramento da violência no ambiente. Dessa forma, pôde mostrar autoridade perante aos alunos, impondo-lhes terror e medo. De fato, isso foi percebido no comportamento dos meninos: “Ninguém se acusou. Ficaram mesmo com os olhos no chão da aula, fungando e espiando os riscos que os sapatos tinham desenhado no cimento durante a confusão” (VIEIRA, 2009, p. 122).

Vê-se aqui o processo de silenciamento no universo escolar e, por que não, na própria sociedade durante o período colonial. A escola que deveria ser um espaço de acolhimento, aprendizado, diálogo, trocas; muitas vezes não cumpre esse papel, principalmente em períodos ditatoriais, tão bem conhecidos pelos países subdesenvolvidos onde por diversas vezes na história foram subjugados. Na narrativa, a simplesmente professora exerce uma função repressora, assim como o diretor da escola, e ambos não podem ser individualizados, pois não possuem nomes, apenas funções associadas ao poder atribuído ao branco – colonizador.

Louis Althusser (1999), em *Aparelhos Ideológicos do Estado*, observa que para o Estado conseguir fazer com que os indivíduos ajam de acordo com o esperado, ele utiliza-se de instrumentos de controle distintos. Esses instrumentos, chamados por ele, de aparelhos repressivos e aparelhos ideológicos, mantêm-se pela violência e diferenciam-se de

¹²¹ Denominação dada a menino, garoto (em quimbundo, mona = “criança”, ndengue = “recém-nascido”).

acordo com seus modos de ação. Assim sendo, os aparelhos repressivos, como o próprio nome sugere, são baseados na repressão física; já os ideológicos, na submissão dos homens ao discurso ideológico dominante, norteados por princípios de sanção, seleção e exclusão. Difundida pelas igrejas, escolas, sindicatos, meios de comunicação, leis, cultura etc.; dessa forma, a ideologia do Estado penetra, sob diversas maneiras, na mentalidade do povo, determinando comportamentos. Percebe-se, então, que a professora age com violência para manter a tal “ordem” vigente.

Os conflitos, levantados pela literatura, são também visíveis na sociedade angolana consequência da presença do colonizador e da imposição de sua cultura. Luandino Vieira reconstrói a realidade através da ficção, focalizando questões sociopolíticas características de um momento em que a luta do angolano pela independência avançava. Assim o escritor apresenta-nos a diversidade de comportamentos no espaço. E vai além disso, emprega em seus textos termos de línguas nacionais como forma de valorização da tradição, de resistência e de luta através da palavra. Enraíza dessa forma a sua produção literária. Vale lembrar que isso é um dos postulados do Modernismo brasileiro. Já se torna perceptível a ruptura literária que reflete a histórica, a social e a política.

Em meio às acusações da professora, a turma reage aos gritos quando Bino afirma: “É ele mesmo!” (VIEIRA, 2009, p. 123). Enfim, a ação da professora é imitada pela maioria dos alunos brancos que se tornam tão perversos quanto ela. É notória a conduta equivocada da mestra, nem sequer procurou verificar quem provocou a briga, castiga logo o menino negro para depois procurar informações. E não obtendo respostas, volta a agredi-lo para que confesse sua culpa. Nesse ambiente de horror,

Os gritos, os insultos escondidos, apertaram-se à volta de Zito enquanto sacudia com força o braço, para ele confessar mesmo. O miúdo, gordinho e baixo, balançava parecia era boneco e não chorava com soluços, só as lágrimas é que corriam na cara arranhada da peleja que tinha passado. (VIEIRA, 2009, p. 123).

A confusão entre os meninos começara bem antes do início da aula quando Chiquito chamou Zeca de “amigo dos negros”¹²². Zito e Zeca

¹²² Como lembra Rita Chaves (2005, p. 20), “José Mateus Vieira da Graça, filho de portugueses, nascido em Portugal, de onde havia chegado ainda criança. A infância vivida nos bairros populares, em comunhão com os meninos negros e mestiços e a gente pobre da cidade, deixaria marcas fortes

eram amigos desde a primeira escola, saíam juntos para caçar, sempre trocavam suas coisas. Certo dia, Zico trouxe-lhe as balas de tiro vazias que foram disparadas no musseque¹²³. Os tiros no musseque, mais que uma referência geográfica, constituem representações de um mundo em mudanças que o cenário ameaçador da guerra aponta. É interessante assinalar que as balas utilizadas contra os africanos estavam vazias, desprovidas de qualquer ameaça. Este momento da narrativa remete-nos ao início da Guerra Colonial que perdurou treze anos. Portugal insistia em não conceder a independência às suas colônias africanas.

Sempre trocavam suas coisas, lanche do Zeca era para Zito e doces de jinguba ou quicuéra do Zito era para o Zeca. Um dia mesmo, na 3ª, quando Zito adiantou trazer uma rã pequena, caçada nas águas das chuvas na frente da cubata dele, o Zeca, satisfeito, no outro dia lhe deu um bocado de fazenda que tirou do pai. Eram esses calções que Zito vestia nessa manhã quando chegou no amigo para lhe contar os tiros no musseque e corrigir ainda os deveres, mania antiga. (VIEIRA, 2009, p. 124).

Para os amigos, a escola representava um lugar de diálogo; trocas; enriquecimento cultural; reconhecimento dos valores do outro; por fim um ato de amor; como se observa na troca dos doces, nas vivências e nos hábitos compartilhados. Aqui se desfaz a diferença entre negros e brancos. Como lembra Paulo Freire:

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia do amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com a sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (FREIRE, 2011, p. 110-111).

É interessante observar que Zito não temia à professora, nem aos colegas de classe, embora saísse em desvantagem, pois os garotos reuniam-se para agredi-lo. De repente, Bino incita mais uma confusão ao dizer para a professora que Zeca e Zito andam escrevendo bilhetes durante a

e seria convertida em poderosa experiência. Da memória dessa experiência iria compor-se uma das matrizes do narrador que seus textos nos apresentam".

¹²³ Designação dada aos bairros periféricos de Luanda por estarem, geralmente, instalados sobre solos arenosos (em quimbundo, mu = "onde", seke = "areia").

aula. A professora aos berros questiona Zeca que afirma não ter escrito bilhete nenhum. Os colegas de classe gritam: “É mentira, é mentira, a gente viu!” (VIEIRA, 2009, p. 126). Formou-se um círculo de hostilidade em torno deles, como a resposta do aluno não era a esperada, ela agrediu-o. Zito interrompe, também é agredido, e pede ao amigo para que entregue o bilhete à professora. Zeca obedece, Zito é levado pelas orelhas para a sala do diretor, e a satisfação é plena diante de tanta intolerância. E o diretor exclama ao ler: “Ah, não! Vadios na escola, não! Malandros, vadios de musseque! Se já se viu esta falta de respeito! Negros! Todos iguais, todos iguais...” (VIEIRA, 2009, p. 128).

No conto, a representação das relações sociais, envolvendo as noções de identidade e alteridade cultural, põe em destaque a intensidade dos conflitos vivenciados pelos angolanos que são marcas da colonização. Pregava-se um modelo de identidade que negava a incorporação das diferenças. No entanto, ao lado de posições tão radicais, como a voz da professora; surgem e vão afirmando-se as relações baseadas no companheirismo, no respeito e na aceitação da diversidade, que são capazes de fazer ruir as estruturas consolidadas na discriminação e no preconceito. Paulo Freire, discutindo a questão, afirma:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (...) Mas a assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. (...)

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. (FREIRE, 2009, p. 41-42).

Zito Makoa é a representação do indivíduo africano que, assumindo sua diferença, luta para conquistar seu espaço na sociedade, rompendo com a situação desigual vigente. E sonha com uma Angola para todos. Se por um lado, os adultos mantêm uma postura inflexível em relação às diferenças sociais; por outro, os meninos, ignorando as barreiras sociais que os separam, criam laços de afeto.

Zeca fica muito aflito, não sabia o que fazer para ajudar o amigo levado para a direção, além de que precisava contar-lhe que entregara um bilhete escrito por ele, e não o verdadeiro, pois ele poderia ser considerado subversivo, e Zito ser expulso da escola. Após o recreio, vai às escondidas

didadas ao encontro do amigo. Nesse momento, novos tempos anunciavam-se no cantar dos pássaros, na luz do dia no jardim da casa do diretor.

No jardim da frente tinha pardais a cantar nos paus e, nessa hora das onze, um sol bonito e quente brincava às sombras com as folhas e as paredes. Trepado num vaso alto, Zeca Silva, o coração a bater de alegria parecia ia lhe saltar do peito, empurrou a janela de vidro do quarto do diretor e chamou:

– Zito! (VIEIRA, 2009, p. 128)

Zeca confessa ao amigo que o verdadeiro bilhete não fora entregue e mostra-lhe o bilhete onde está escrito “ANGOLA É DOS ANGO-LANOS” (VIEIRA, 2009, p. 129), descortina-se o sonho de liberdade registrado nas letras gordas e tortas de uma criança angolana. Os dois representam a resistência, esse mundo novo a desbravar. A amizade, a solidariedade e a cumplicidade entre eles ajudam-nos a enfrentar o ambiente hostil em que vivem.

3. *O menino que escrevia versos*

3.1. **Moçambique: um país em reconstrução**

Havia uma formiga
compartilhando comigo o isolamento
e comendo juntos.

Estávamos iguais
Com duas diferenças;
não era interrogada
e por descuido podiam pisá-la.

Mas aos dois intencionalmente
podiam pôr-nos de rastos
mas não podiam ajoelhar-nos.

(José Craveirinha)

O domínio português na região do atual Moçambique iniciou-se no século XVI e se estendeu por quase 500 anos. A opressão, o cerceamento da liberdade e as disputas (inter)nacionais na África, que percorreram séculos, refletiram incisivamente nas relações humanas, mas não conseguiram apagar a força das tradições culturais que ressurgiu no século XX para reconstruir a identidade nacional. E a magia das letras resgata a memória coletiva e deslumbra-nos com os sonhos por paz e liberdade através da palavra.

A partir da década de 1930, o nacionalismo africano se difundiu intensamente em diversos setores das sociedades coloniais. O mesmo ocorreu com o marxismo, que se propagou entre os intelectuais, estudantes e sindicalistas. Nesse contexto, o combate ao racismo ganhou força. Surgiram novos grupos políticos entre as elites culturais responsáveis pelo movimento pan-africano e entre os africanos urbanos que tiveram acesso à educação e estavam descontentes. Compondo as vozes dissidentes, um grupo formado por estudantes organizados em partidos políticos, em sua maioria socialistas e comunistas. Não se pode esquecer dos trabalhadores do movimento sindical que, além de protestarem pedindo melhores salários e condições de trabalho, colocaram em discussão o regime colonial.

No entanto, só após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), esses grupos passaram a adotar ações unificadas, a fim de combater o colonialismo. A atuação dos Estados Unidos e da União Soviética objetivava estender suas áreas de influência, apoiando os processos de emancipação e fornecendo armas e recursos financeiros aos grupos insurgentes.

Em Moçambique, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), fundada em 1962, reunia socialistas revolucionários e grupos moderados sob a liderança de Eduardo Mondlane (assassinado pelos portugueses em 1969) e tornou-se a principal organização na luta pela independência. Em 1975, um acordo entre o governo português e a FRELIMO pôs fim ao período colonial. Samora Machel tornou-se presidente. O novo país adotou princípios socialistas e passou a ter apoio da União Soviética. Houve resistência. A Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), com o apoio da África do Sul, deflagrou uma guerra civil que durou até 1992. Ao fim da guerra civil, a miséria é generalizada pelo país e muitas minas terrestres espalhadas pelo território. Os quase 20 anos de guerra deixaram aproximadamente 1 milhão de mortos e graves consequências sociais. Nos últimos anos, reconstrói-se.

3.2. Entre o silêncio e a voz: o menino que escrevia versos

De que vale ter voz
Se só quando não falo é que me entendem?
De que vale acordar
Se o que vivo é menos do que sonhei?

(Mia Couto)

Quando se fala em África, que imagens frequentemente vêm a sua mente? As mais cruéis, não é? No entanto, a literatura de Mia Couto retrata todo esse universo de interdições e conflitos com ternura e sensibilidade, como se observa em “O menino que escrevia versos”.

Inicia-se o conto com o menino que escrevia versos sendo levado ao consultório médico pelos seus pais para investigar uma doença grave. E a doença do garoto era escrever poesias. O médico questiona se há antecedentes na família. O pai, “mecânico por natureza e preguiçoso por destino” (COUTO, 2013, p. 131), não entende a pergunta, e a mãe prontamente responde que não. Ele apenas “lia motores, interpretava chaparias” (COUTO, 2013, p. 131), mas não entendia de relações humanas; as palavras mais doces, que já pronunciara, foram ditas na lua-de-mel e eram as seguintes: “Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol” (COUTO, 2013, p. 131). A esposa sensibilizou-se com a comparação, pois “perfume de igual qualidade qual outra mulher ousa sequer sonhar?” (COUTO, 2013, p. 131). Percebe-se a comparação do ser humano com uma máquina, projetada para realizar funções; impossibilitando-o de ter sonhos, sentimentos, emoções, enfim, de viver plenamente. Esse processo de mecanização da sociedade moderna muitas vezes leva à solidão, à incomunicabilidade e a própria perda de identidade.

Assim que o pai descobre que o filho anda a rabiscar papéis com versos, acusa imediatamente a escola de influenciar tal prática e deseja retirá-lo do colégio, justificando:

Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: marisque intelectual? (COUTO, 2013, p. 132).

A mãe diverge do pai neste ponto: o estudo. Ela vê o mundo com uma percepção diferente, apesar de integrada ao meio rude, de escassos recursos, enfim, conformada com a realidade em que vive. Mesmo de uma forma bem sutil, percebe-se que deseja algo melhor para o filho. Observa-se, na atitude do pai, a ideia implícita de libertação/conscientização que a escola pode proporcionar aos indivíduos. Atente-se para o fato de que o menino sente-se vivo quando escreve, sonha, liberta-se das amarras opressoras. Por outro lado, seus pais vivem o dia a dia sem expectativas de melhora, sem esperanças e sem sonhos. Faltam-lhes esses elementos fundamentais ao ser humano que dão um sentido à vida.

Além disso, o fato de um menino ser poeta é visto com certa resistência pelos pais, o ideal seria demonstrar virilidade. Apesar das intensas

transformações sociais, ainda persiste essa visão. Talvez tenha uma fundamentação histórica cuja formação de meninos e meninas era diferenciada. Ou, simplesmente, haja uma possível explicação nas relações interpessoais. Corroborando essa discussão, Stuart Hall afirma:

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006, p. 11).

À medida que interagimos com mundo que nos cerca, modificamo-nos. Portanto, quanto mais isolado o grupo social permanecer, as mudanças são mais lentas. E a literatura provocando questionamentos acerca de assuntos íntimos.

Duas visões em um mesmo cenário encontram-se, revelando uma sociedade em transformação, onde já não há mais lugar para silêncios e silenciamentos, como se observa no comportamento do filho que é sensível, sonhador, mas questionador. Faz de suas experiências vividas matéria literária. Isso fica-nos claro no fragmento de diálogo entre o médico e o menino:

– Dói-te alguma coisa?

– Dói-me a vida, doutor.

O doutor suspende a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Severina aproveitava o momento: Está a ver, doutor? Está a ver? O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo:

– E o que fazem quando te assaltam as dores?

– O que melhor sei fazer, excelência.

– E o que é?

– É sonhar. (COUTO, 2013, p. 132-133).

Diante de tais afirmações, a mãe castiga o filho com “uma chapa-da na nuca” (COUTO, 2013, p. 133) e continua repreendendo-o: “Não lembrava o que o pai lhe dissera sobre os sonhos? Que fosse sonhar longe!” (*Idem, ibidem*). Mas o menino defende-se: “longe, porquê? Perto o sonho alejaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho”. (*Idem, ibidem*). Num universo marcado pela pobreza, fome e violência, não era permitido sonhar. É interessante assinalar que ele não era silenciado pelos pais. Isso surpreende até o médico. Mas o doutor enfada-se e diz que ele precisa é de um psiquiatra.

Após a insistência da mãe, o médico fica ao menos com o caderninho de versos para fazer um diagnóstico. Aí o médico percebe a complexidade da situação, a escrita era uma forma de desabafo diante de uma realidade tão perversa, excludente; talvez fosse a forma encontrada de integrar-se ao mundo. E ele afirma ao médico “Isto que faço, não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver” (*Idem, ibidem*). Enfim, escrever é viver, e querem retirar o fio de vida do menino. Sendo assim, o médico opta por interná-lo em sua própria clínica, pois é uma maneira de mantê-lo vivo, mas até quando?

O papel da mãe é marcado por forte dualismo: concorda com o pai sobre o fato do menino ter uma doença grave, no caso, escrever; ao mesmo tempo em que se preocupa, deseja que ele estude, desespera-se diante da impossibilidade do médico ajudá-lo, e também quando o médico diz que é um caso de internação, devido à falta de recursos. No entanto, não é capaz de romper as amarras, deixando-o livre para sonhar e viver sua infância aprisionada.

O meio em que vive o menino é tão repressor que ele se sente bem afastado da família que representava uma vida sem sonhos e ambições, recluso em um quarto no consultório, onde passa os dias lendo seus versos para o médico. O médico interna-o não por motivos de saúde, mas para ouvir o que se passa no coração da criança. Por fim, crianças tantas vezes marginalizadas, na narrativa, ganham voz através do menino.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios:

– *Não pare, meu filho. Continue lendo...* (COUTO, 2013, p. 134).

4. Considerações finais

A literatura africana de expressão portuguesa contemporânea teve início nos movimentos anticoloniais e tinha um caráter social, expressando assim os anseios da nação. Atualmente, reflete tanto o colonialismo quanto as marcas deixadas nos corpos e nas almas do povo, após tantos séculos de dominação estrangeira, escravidão, guerras, ditaduras, corrupção e infundáveis problemas sociais. Além disso, analisa a relação dos africanos com um mundo que os negava como sujeitos e autores da história. Nesse contexto, Luandino Vieira e Mía Couto contribuem com seus

diferentes olhares para a compreensão da África lusófona e a construção de uma identidade nacional através de suas narrativas¹²⁴.

Não é tarefa fácil falar da obra de Luandino Vieira sem relacioná-la com a sua vida pessoal. José Luandino Vieira nasceu em Portugal, em 1935, e ainda criança emigrou com a família para Angola. Viveu nos bairros pobres de Luanda de onde retira o conhecimento e a experiência necessários para seus textos. Durante a Guerra Colonial, combateu nas frentes do MPLA, contribuindo mais tarde para a criação da República Popular de Angola. A luta contra a dominação portuguesa custou-lhe mais de uma década na prisão, onde escreveu boa parte de sua obra.

Filho de portugueses, Mia Couto nasceu na cidade de Beira, Moçambique, em 1955. Iniciou sua carreira literária nos anos 1970 e desde então transitou por quase todos os gêneros – poemas, crônicas, contos e romances. Participou ativamente do processo de independência de Moçambique como militante da FRELIMO. Foi um dos compositores do hino nacional de sua pátria e trabalhou para o governo durante a Guerra Civil (1976-1992). À parte disso, nunca deixou de exercer a profissão de biólogo. Portanto, essa inserção em ambientes culturais diversificados vai trazer um outro olhar para escrita de Mia Couto, que não é o do europeu e nem o do africano¹²⁵. Isso amplia a nossa maneira de ver o mundo.

Diante disso, as experiências dos autores vão marcar suas obras, como se pode observar nas questões levantadas nos contos. Um ponto, em especial, destaca-se: as vozes que emergem nas narrativas. Em “Zito Makoa, da 4ª classe”, há um confronto de vozes em meio ao caos que se encontra a escola e, por que não, a própria sociedade já nas frentes de batalha pela independência. As vozes de Zito e Zeca tentam ser silenciadas a cada momento. No entanto, a aceitação e a incorporação da diferença

¹²⁴ É interessante assinalar um ponto de vista de Stuart Hall sobre a construção da identidade: “Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades”. (HALL, 2006, p. 50-51).

¹²⁵ Em entrevista a revista IstoÉ, Mia Couto aborda esta questão: não ser português, nem moçambicano, quando foi perguntado se chegou a pegar em armas, responde: “não me deixaram. A Frelimo era uma frente, portanto havia também um componente racista muito forte. Diziam que os brancos moçambicanos podiam lutar, mas que não podiam confiar tanto neles a ponto de dar-lhes uma arma”. Logo, não se encontrava completamente inserido entre os africanos, ao mesmo tempo em que lutava contra Portugal, terra de seus pais. Disponível em: <<http://www.isto.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/3254>>. Acesso em: 23-08-2013.

aparecem como resposta possível para estancar os conflitos. Por sua vez, em “O menino que escrevia versos”, a voz do garoto vai ganhando espaço ao longo da história, sobrepondo-se a dos seus pais. Vê-se no diálogo o caminho para o entendimento. Logo, Zito e o menino reagem, cada um a sua maneira, ao meio em que vivem, desejando um mundo mais justo, igual e onde os sonhos fossem possíveis, especialmente, o de ter um futuro. Enfim, textos delimitados por tempo e espaços diferentes, mas imersos nas mesmas dores.

Por fim, é interessante notar que os meninos terminam presos em quartos na escola e no consultório, porque estavam sonhando com a liberdade através da escrita: a da nação/coletiva “Angola é dos angolanos”, registrou Zito Makoa; e a pessoal/individual “De que vale ter voz / Se só quando não falo é que me escutam?”, escreveu o menino. Após a independência política, pôde-se pensar na liberdade de expressão fundamental para a consolidação da democracia. E ainda hoje um dos grandes desafios é vencer a intolerância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê, 2005.

COUTO, Mia. O menino que escrevia versos. In: _____. *O fio das missangas*. São Paulo: Cia. da Letras, 2009.

ENDERS, Armelle. *História da África lusófona*. Trad.: Mário Matos e Lemos. Lisboa: Inquérito, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VIEIRA, Luandino. Zito Makoa, da 4ª classe. In: CHAVES, Rita. (Org.). *Contos africanos dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009.

CONSULTAS NA INTERNET

<http://www.pepetela.com.pt/pdf/20090516_noticias_sabado.pdf>.

Acesso em: 18-08-2011.

<<http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/3254>>. Acesso em: 23-08-2013.